

Jovens nascidos entre 1997 e 2012 cresceram hipersexualizados pela cultura pop e pelas telas, definiram novos vocabulários para o desejo e nunca transaram tão pouco, segundo especialistas e pesquisas

POR GIOVANNA KUNZ

Os dados são consistentes, vêm de várias fontes e apontam para a mesma direção. Segundo levantamento do Instituto Kinsey, da Universidade de Indiana, com mais de 3.310 pessoas de 71 países, jovens da geração Z relataram ter feito sexo três vezes no mês de janeiro, o mesmo número dos baby boomers. As gerações Y e X registraram média de cinco vezes mensais. Uma pesquisa de 2025 conduzida pelo DatingAdvice.com em parceria com o Kinsey Institute revelou que cerca de metade da geração Z ainda não teve relações sexuais. Outro estudo, da EduBirdie com 2 mil participantes, mostrou que 67% dos jovens preferem uma noite de sono tranquila a fazer sexo, enquanto 64% priorizam manter um emprego seguro e 46% preferem passar um tempo sozinhos a ter relações sexuais.

O fenômeno foi batizado de “recessão sexual” pelo *The Atlantic Magazine*. Mas o que os números não revelam é o mais importante: o porquê. E quem melhor para responder do que a própria geração.

Julia, nome fictício, tem 26 anos, é leonina, toma remédio para TDAH desde os 15 e anticoncepcional sem pausa. Ela perdeu a virgindade em 2016, aos 17 anos, e a última vez que transou foi em junho de 2024. Dois anos atrás. “Normalmente, eu transo uma vez a cada dois anos”, contextualiza. A razão, ela explica com uma honestidade desconcertante, não é trauma nem doença. “Eu tenho muita preguiça de fazer sexo, então não é algo que eu busque fazer”, destaca.

Julia só teve uma experiência sexual que descreveu como “uau”, e foi justamente a última. A partir daí, o critério ficou mais alto. “Eu fiquei mais seletiva. Antes, eu não tinha muito o limiar no sentido de, tipo, ah, vou ficar com fulaninho, vou ficar com esse outro fulaninho aqui. Mas agora, se for para ficar com alguém nesse momento da minha vida, realmente só quero ficar com a pessoa que sei que se eu namorasse com ela, ia gostar.”

Ela não sente falta da intimidade, mas admite que sua vida social encolheu. “De 2023 para cá, eu parei muito de frequentar lugares sociáveis, festas, barzinho com amigos. E eu acho que nesses lugares a gente consegue conhecer pessoas que pode se relacionar”, afirma.



A relação da geração Z com o sexo